

Revista Femass

eISSN 2675-6153

Número 7 - jan./jun., 2024

CULTURA E IDENTIDADE: UM ENTENDIMENTO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS SURDAS

CULTURE AND IDENTITY: AN UNDERSTANDING WITHIN THE SCOPE
OF EDUCATION FOR DEAF PEOPLE

Marcus Vinicius Freitas Pinheiro

Mestre Profissional em Diversidade e Inclusão - Universidade Federal Fluminense

Prefeitura Municipal de Macaé

marcuspinheiro.28514@gestao.macaee.rj.gov.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7947-2427>

Heveraldo Alves Ferreira

Mestrando Profissional em Educação Bilíngue do Instituto Nacional de

Educação de Surdos

Prefeitura Municipal de Niterói

healf2002@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0004-4552-7348>

Recebido: 24/05/2024

Aprovado: 24/07/2024

DOI: <https://dx.doi.org/10.47518/rev.v7i1.180>



Os artigos publicados neste número estão em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite o uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que os trabalhos originais sejam corretamente citados.

Resumo: Este presente artigo aborda a análise de três livros e um artigo publicados a respeito da questão da cultura, identidade e corpo. Por meio de uma revisão bibliográfica busca-se responder de que maneiras podemos contribuir para refinar o uso de conceitos como identidade e cultura na educação de pessoas surdas, apresentando questões sobre o assunto com o intuito de despertar o interesse e fortalecer ainda mais as discussões sobre o multiculturalismo e as diferentes identidades surdas, respeitando os sujeitos surdos na sua diversidade.

Palavras-chave: Cultura Surda. Identidade Surda. Língua de Sinais. Visualidade Surda.

Abstract: This article addresses the analysis of three books and one article published on the issue of culture, identity and body. Through a bibliographical review, we seek to answer how we can contribute to refining the use of concepts such as identity and culture in the education of deaf people, presenting questions on the subject with the aim of awakening interest and further strengthening discussions about multiculturalism and different deaf identities, respecting deaf subjects in their diversity.

Keywords: Deaf Culture. Deaf Identity. Sign language. Deaf Visuality.

INTRODUÇÃO

Atualmente, no meio da comunidade surda e do povo surdo de nosso país, tem-se ampliado o debate sobre a questão multicultural surda, discutindo e usando conceitos como cultura e identidade. Este artigo busca refletir de que maneiras se pode contribuir para refinar o uso desses conceitos, aprofundando questões sobre temas no campo da educação de pessoas surdas.

No meio acadêmico e no social, as pessoas ainda têm dificuldades de entender o que é uma Comunidade Surda. O termo, muito utilizado nas publicações e apresentações, refere-se a um grupo formado por Surdos¹ e ouvintes que frequentam o mesmo meio. Esses ouvintes podem ser os familiares dos Surdos, os amigos, seus parceiros, professores, os Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais-Português – TILSP e os profissionais da área de surdez. Já o Povo Surdo se refere a um grupo formado apenas por indivíduos Surdos, usuários de uma mesma Língua de Sinais e que lutam pelos seus direitos linguísticos, históricos, sociais e culturais.

São muitas as publicações que abordam a questão multicultural Surda desde o fim do século passado até os dias de hoje, havendo um interesse crescente pelo tema. Devido às mudanças de gerações, novas questões surgem para discussão, ressaltando, dessa forma, a necessidade de se repensar o currículo de ensino nas instituições, principalmente nas universidades, quando se trata da formação de profissionais da educação.

O simples fato de existir uma disciplina no estudo do Mestrado Profissional, no Instituto Nacional de Educação de Surdos, trouxe à tona um diálogo sobre a temática, levando à reflexão: será que as pessoas estão realmente se inteirando sobre o tema fora do meio acadêmico e o que as pessoas entendem sobre a questão multicultural Surda?

Baseados nessas questões, busca-se apresentar uma visão sobre cultura, identidade e corporeidade no âmbito da educação de pessoas Surdas, evidenciando que, a partir de 2021, a modalidade bilíngue se faz presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN. O intuito deste trabalho é auxiliar na formação de futuros profissionais da área acadêmica a assimilarem o entendimento a respeito da Cultura e da Identidade Surda.

O ESTADO DA ARTE

Stuart Hall (1997), no fim do século XX, já chamava a atenção sobre a Identidade Cultural na pós-modernidade, em que as palavras começam com o prefixo “re”, como refazer, reconstruir, recriar, entre outras. Outros autores como

¹ Utilizaremos o termo “Surdo” com a inicial maiúscula, para se referir a um grupo minoritário, constituído por pessoas Surdas, usuários de uma Cultura Surda e da Língua de Sinais.

Skliar (1998) e Perlin (1998) iniciaram a abordagem a respeito da questão multicultural Surda, enquanto Skliar falava do comportamento humano, Perlin definia as diferentes identidades.

Destaca-se que são poucas as publicações recentes que se aventuram a abordar a temática da Cultura Surda na educação e apenas Lopes e Veiga Neto (2013), Belaunde e Sofiato (2019), Campello e Carvalho (2022) discutem a temática. O fato acabou despertando o interesse dos coautores na abordagem do tema.

A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo foi feita por meio da revisão bibliográfica de artigos ofertados na disciplina Corpo, Cultura e Identidade do curso de Mestrado Acadêmico em Educação Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Para a realização deste trabalho foram utilizadas quatro publicações entre livros e artigos intitulados: “Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade” de Assis Silva (2012); “A Identidade Cultural na Pós-modernidade” de Hall (2014); “Cultura, a visão dos antropólogos” de Kuper (2012) e “Cultura e Identidades Surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas” de Santana e Bergamo (2005).

Partindo dessas literaturas, pretende-se explicar de forma clara e concisa as questões que envolvem a temática: cultura, identidade e corpo dentro do campo da educação de pessoas Surdas. Faz-se necessário entender o que é Cultura Surda, sua experiência visual, seguindo a definição de Skliar (1998) pontuado por Belaunde e Sofiato (2019):

Ao definir surdez como uma experiência visual, que constitui e especifica a diferença, não estou restringindo o visual a uma capacidade de produção e compreensão especificamente linguística ou uma modalidade singular de processamento cognitivo. Experiência visual envolve todo tipo de significações, representações e/ou produções, seja no campo intelectual, linguístico, ético, estético, artístico, cognitivo, cultural etc. (Skliar *apud* Belaunde; Sofiato, 2019, p. 76).

Essa surdez como experiência visual trata da forma do Surdo perceber o mundo e criar o pensamento crítico diante dele, reconhecendo as necessidades de se construir seu caminho pela diferença, entendendo que o sujeito Surdo, geralmente, faz uso da sua visão para o aprendizado.

Ao abordar cada uma das diferentes publicações, optou-se por realizar um caminho cronológico pelo ano de publicação, por esse motivo a discussão inicia pela visão social descrita por Kuper (2002), seguida pela identidade cultural na pós-modernidade de Hall (2014) que remete à questão de Cultura Surda e Identidade Surda de Santana e Bergamo (2005), finalizando com o processo de constituição da surdez de Assis Silva (2012).

Kuper (2002), em seu livro, faz uma explanação em torno do desenvolvimento e das ideias da cultura, principalmente, por meio de estudos da antropologia norte-americana. O autor aborda a genealogia do conceito de cultura e o conceito da teoria de Talcott Parsons², também conhecida como teoria parsoniana que influenciou vários antropólogos a partir da década de 70, no século passado.

Além dessas questões, destacam-se experimentos apresentando as ideias de vários intelectuais da época, remetendo o leitor a uma visão crítica do conceito de cultura, ao ressaltar que o multiculturalismo tenha tirado o seu potencial. O autor acredita que a cultura deve ser privilegiada pelas relações sociais, atacando a visão pós-moderna e defendendo uma antropologia sociológica, comparativa.

Nessa concepção de Kuper (2002), percebe-se a defesa da tradição cultural e o foco nas relações sociais. No âmbito da educação de pessoas Surdas, as relações sociais são de suma importância, principalmente na interação entre a criança e o adulto Surdo, sendo o último, necessariamente, o professor.

Apesar da interação professor/aluno, não se pode deixar de lado a necessidade e a importância de outros profissionais Surdos adultos como auxiliar de classe, inspetor de alunos, como outros profissionais que fazem parte da instituição. A interação da criança Surda com eles gera o aprendizado e colabora para a incorporação da língua, além de contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento. Essa interação social tradicional, além da escola, faz-se presente nas Comunidades Surdas e nas Associações de Surdos, dando assim a sua contribuição para o aprendizado da criança e ao mesmo tempo a construção da sua Identidade Cultural.

Corroborando com a visão de Kuper (2002), a sua posição crítica frente à pós-modernidade se dá devido ao fato de que ela busca refazer, reconstruir, recriar uma nova concepção, trazendo em mente que se deve adaptar o que já existe aos novos tempos. Portanto essa visão crítica frente à pós-modernidade se dá na perspectiva de que não se deve apenas adaptar e sim criar formas de trabalhar a sociedade diante das suas mudanças.

Hall (2014), ao discutir a questão da identidade cultural, leva o leitor a uma reflexão sobre a crise das identidades, contrapondo-se à concepção de Kuper (2002). Hall (2014) mostra que o sujeito busca uma identidade sociológica com estabilização entre o interior e o exterior, envolvendo o mundo pessoal que é o seu particular e o mundo público, buscando estabelecer um mundo social e cultural. Para ele, o sujeito se transforma de acordo com as mudanças do mundo moderno, que podem ser rompidas ou deslocadas.

² Talcott Edgar Frederick Parsons, Sociólogo americano, que afirmava que um sistema social é um conjunto de ações de indivíduos ou de grupos. Afirmava que os sistemas sociais podem ser compostos e decompostos, facilitando o entendimento dos sistemas sociais. Assim nasceu a teoria Parsoniana.

A globalização ajuda a interferir nesse conceito gerando uma pluralidade de identidades, desconstruindo a concepção de uma cultura nacional unificada. Nesse contexto, entende-se que o pós-guerra e o avanço das novas tecnologias fizeram com que surgissem uma variedade de identidades sociais e culturais incluindo, nesse caso, a Identidade Surda. Hoje, por exemplo, encontram-se quatorze diferentes tipos de Identidades Surdas, segundo Campello e Carvalho (2022).

Voltando à questão da variedade de identidades sociais e culturais, percebe-se que, com o passar do tempo, houve uma série de movimentos sociais no meio da Comunidade Surda em busca de um ambiente renovado, o qual pudesse proporcionar a questão educacional dos sujeitos Surdos, dentre eles o bilinguismo³.

Moura (2000) em seu livro aponta que por meio do bilinguismo houve o surgimento multicultural dos Surdos:

Segundo Sánchez (1990), foi neste ambiente renovador que os surdos encontraram um caminho para que sua voz fosse ouvida, para que se deixasse falar o gesto (Sánchez, *apud* Moura, 2000, p. 64).

Como se pode observar, o monoculturalismo foi deixado de lado, surgindo assim o multiculturalismo embasando as reais necessidades da Comunidade Surda. O Bilinguismo ganhou força de forma que, hoje, existem movimentos a seu favor como a criação de escolas bilíngues de e para Surdos e a incorporação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Brasil, 1996) da modalidade bilíngue para a educação de Surdos.

Santana e Bergamo (2005), em seu artigo intitulado “Cultura e Identidade Surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas”, abordam a questão da defesa da língua de sinais, enfatizando a importância da prática nas interações sociais. Fato esse de grande relevância para a Comunidade Surda, considerando que a língua faz parte da cultura. Pode-se, dessa forma, considerar a língua de sinais como meio cultural e pela prática de suas interações sociais, surgem duas diferentes concepções de língua: a língua de sinais social, em que os surdos se comunicam mais precisamente na informalidade, sendo respeitadas e aceitas as variações linguísticas e a língua de sinais acadêmica, em que se utilizam os sinais formais e mais complexos, praticados em atividades e nos espaços acadêmicos como escolas, faculdades, palestras e eventos mais formais. Destacam-se ainda as línguas de sinais indígenas, ao todo, atualmente, existem cerca de doze línguas de sinais identificadas no Brasil⁴ e não apenas a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

³ Tendência Filosófica de Educação que consiste em utilizar duas línguas em momentos distintos, no caso da educação de pessoas surdas, utiliza-se a língua de sinais e a língua pátria em momentos distintos.

⁴ Ver em STUMPF: LINHARES, 2021, p. 99.

Na contramão dessa abordagem de Santana e Bergamo (2005), vê-se o posicionamento de diferentes profissionais frente à questão da surdez, se por um lado há pessoas que analisam e percebem a surdez como uma doença, uma incapacidade do sujeito Surdo, por outro lado veem-se pessoas que observam a surdez como uma diferença.

O livro de Assis Silva (2012) mostra que, em pleno século XXI, ainda existem pessoas com uma visão retrógrada da surdez. Tendo como ponto de partida uma novela televisiva que passou e despertou a ira de profissionais da área de saúde por haver uma personagem Surda que fazia uso da língua de sinais. Esses profissionais, apesar da existência da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como *status* de língua, alegam que a comunicação por meio de Libras seria um retrocesso, sendo o ideal a realização da cirurgia do implante coclear⁵. Essa concepção foi o ponto de partida para que o embate sobre o uso da Língua de Sinais e a preservação da Cultura Surda viesse à tona mais uma vez e assim o livro aborda o papel dos agentes religiosos como os Católicos Apostólicos Romanos, Batistas, Presbiterianos e Testemunhas de Jeová, que exercem a preservação da Cultura Surda nas Comunidades Surdas ao incentivarem o uso da Língua de Sinais.

Infere-se, dessa forma, que, desde o Congresso de Milão, em 1880⁶, quando Alexander Graham Bell utilizou-se de sua influência para determinar que a educação de pessoas Surdas deveria ser pautada na tendência filosófica do oralismo em detrimento ao uso da língua de sinais, há ainda seguidores dessa ideologia em pleno século XXI.

Nessa perspectiva, ainda existem pessoas que pensam da seguinte forma relatada por Sá (2004):

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram “descobertos” pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem “educados” e afinal conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos (Sá, 2004, p. 3).

⁵ O implante coclear, popularmente conhecido como ouvido biônico, é um dispositivo implantável de alta complexidade tecnológica, que é utilizado para restaurar a função da audição nos pacientes portadores de surdez profunda que não se beneficiam do uso de aparelhos auditivos convencionais. (Fonte: <https://implantecoclear.ufes.br/implante-coclear/>).

⁶ O Segundo Congresso Internacional de Educação de Surdos, mais conhecido como Congresso de Milão, foi antecedido por um pequeno “congresso internacional” realizado dois anos antes (1878) em Paris, em que estiveram presentes 27 professores de surdos (quase todos franceses e ouvintes). Dos 164 membros do Congresso de Milão, apenas um era surdo: James Denison que, ao lado de Isaac L. Peet, de Charles Stoddard e dos irmãos Edward e Thomas Gallaudet, integrava a delegação estadunidense. Vale ressaltar que o Congresso de Paris (1878) e o Congresso de Milão (1880) foram promovidos pela Pereire Society, uma fundação mantida por descendentes de Jacob Rodrigues Pereira, educador luso-francês (1715-1780) pioneiro na educação de surdos. Tanto Pereira quanto a organização que levava o seu nome eram grandes defensores de abordagens oralistas. (Fonte: <https://culturasurda.net/congresso-de-milao/>).

É dessa forma que muitas pessoas caracterizam os sujeitos Surdos em nossa sociedade, pensam que eles são apenas mudos, incapazes de fazerem alguma coisa, são pessoas sem pensamento e que não conseguem entender ou aprender. A necessidade de se mudar essa visão totalmente distorcida fez com que Perlin (1998) e depois Campello e Carvalho (2022) apresentassem as diferentes Identidades Surdas existentes.

Atualmente, no Brasil, a Comunidade Surda brasileira obteve mais uma vitória com a Lei 14.191/2021 (Brasil, 2021), que alterou cinco artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Brasil, 1996) e com essas alterações instituiu-se a modalidade bilíngue no ensino das pessoas Surdas. A Lei preconiza que os profissionais que atuam diretamente com pessoas Surdas devem ser fluentes na língua de sinais, fortalecendo ainda mais a Cultura Surda. O uso da língua de sinais, da sua gramática que, dentre seus parâmetros, possui a expressão facial e/ou corporal, além de destacar a Visualidade Surda⁷(Campello, 2008), que atribui mais valor e importância ao trabalho educacional, proporciona o estabelecimento de uma Identidade Cultural Surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a questão cultural e multicultural Surda, dentro da necessidade de estabelecer sua identidade, é um papel primordial da Comunidade Surda e a escola como centro de interação social do educando tem a missão de também ajudar a estabelecer esse laço, frente às diferenças culturais e sua diversidade.

Seguindo Campello (2008), afirma-se que a Língua de sinais possui características visuais, gestuais e espaciais.

O signo visual nascido ou criado culturalmente pela comunidade Surda está em constante pesquisa, uma vez que envolve uma dada percepção visual e construção de ideias e imagens visualizadas que regem ou se constituem como princípios da língua natural e da modalidade comunicativa que possibilita a comunicação interativa entre os Surdos em um mesmo ambiente linguístico ou distinto deles (Campello, 2008, p. 100).

É pelo uso da língua de sinais, das interações entre os grupos, da desintegração de grupos que se vê a cultura sendo construída, estabelecendo, assim, a sua identidade. Apesar de haver publicações que citam diferentes identidades surdas, ressalta-se que uma parcela da Comunidade Surda rejeita

⁷ A autora afirma que a experiência visual do surdo está relacionada à percepção de signos visuais que originam significados não sonoros para esses sujeitos.

rótulos e assume apenas a questão das diferentes Identidades Surdas: ser Surdo é assumir o papel de sujeito Surdo, buscando estabelecer o seu papel como sujeito Surdo.

No âmbito educacional, mostrar os valores e as condições da Comunidade Surda, além de facilitar as interações sociais, faz com que a criança Surda cresça e aprenda a interagir nesse ambiente, sentindo-se confortável para aprender sua língua e utilizar seus parâmetros. Ao mesmo tempo que adquire essa língua, aprende a perceber, valorizar e respeitar as diferenças sociais e culturais e esse é o papel que a escola deve exercer.

Fortalecer os laços culturais e entender a sua importância por meio da Comunidade Surda que deve utilizar a língua de sinais como meio, enfatizando a Visualidade Surda e incorporando sua identidade é o que se deve buscar neste processo de interação multicultural diante da pós-modernidade que se impõe em pleno século XXI.

Espera-se que este estudo motive novas discussões sobre a temática da cultura, do multiculturalismo e das diferentes Identidades Surdas, fazendo com que as pessoas possam entender mais sobre o assunto e saibam respeitar os sujeitos Surdos na sua diversidade.

REFERÊNCIAS:

BELAUNDE, C. Z.; SOFIATO, C. G. **O Visual na Educação de Surdo**. Revista Espaço, Rio de Janeiro, nº 52, p. 67-84. jul-dez 2019. Disponível pelo link: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/615/712>
Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.396 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm.

BRASIL. **Lei 14.191, de 3 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 de agosto de 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm.

CAMPELLO, A. R. e S. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos.** UFSC, 2008. Tese de Doutorado <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91182/258871.pdf?sequence=1> Acesso em: 18 abr. 2024.

CAMPELLO, A. R. e S., CARVALHO, V. F. **A existência de quatorze (14) Identidades Surdas.** 2022 Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2792>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Altas, 2002.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

KUPER, A. **Cultura, a visão dos antropólogos.** Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. **Relações de poderes no espaço multicultural da escola para Surdos.** In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 103-119. Cap. 6.

MOURA, M. A. **O Surdo: Caminhos para uma nova identidade.** Revinter: Rio de Janeiro, 2000.

PERLIN, G. **Identidades Surdas.** In: SKLIAR, C. A Surdez – um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G. **As Diferentes Identidades Surdas.** Revista da FENEIS, Ano IV, n. 14 abr./jun. de 2002, p. 15-16. Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/revista_feneis_14. Acesso em: 18 abr. 2024.

RUSKI, R. Identidade Surda: alguns nasceram surdos, outros por problemas na gestação. **Revista Correio Brasiliense**, 2018. Disponível em https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/revista/2018/02/25/interna_revista_correio,661907/alguns-nasceram-surdos-outros-adquiriram-por-problemas-na-gestacao.shtml. Acesso em: 18 abr. 2024.

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e Educação de Surdos**. Manaus, AM: INEP, 2004.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. **Cultura e Identidade Surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. *In* Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível no link: <http://www.cedes.unicamp.br>.

SILVA, C. A. de A. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

SKLIAR, C. **Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade**. *In* SKLIAR, C. (Org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre/RS: Mediação, 1998.

STROBEL, K. **A imagem do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A. (org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilingue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior**, Vol. 1 [livro eletrônico] / texto final coletivo; vários autores et. al.]. 1ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.